

Impactos da Covid-19 na disciplina de educação física: um possível retorno do higienismo

Álex de Almeida Batista¹
Thiago Pelegrini²

Resumo

A pandemia ocasionada pela COVID-19 acarretou mudanças significativas na vida de milhões de pessoas, com uma série de prescrições comportamentais, modificando as formas de ensino e aprendizagem de todas as disciplinas, inclusive da Educação Física. Nesse contexto, nos propusemos a analisar na literatura especializada, por meio de uma revisão narrativa, se as recomendações para a disciplina de Educação Física poderiam ter similaridades com as prescrições da Educação Física Higienista (Séc. XIX e XX). Ao longo do estudo, podemos perceber as dificuldades de ensino encontradas e as implicações para a vida escolar das medidas restritivas. No entanto, não encontramos evidências suficientes que poderiam apontar para um retorno dos ideais moralizadores do Higienismo. Por fim, sublinhamos nosso entendimento que a disciplina pode e deve colaborar com conhecimentos sobre saúde, atividade física e qualidade de vida, porém deve manter uma cautela constante e evitar posturas disciplinadoras e impositivas.

Palavras-chaves: Educação Física escolar; Higienismo; Pandemia Covid-19;

Abstract

The COVID-19 pandemic has brought significant changes to the lives of millions of people, with a series of behavioral prescriptions that have altered the teaching and learning processes of all disciplines, including Physical Education. In this context, we set out to analyze the specialized literature, through a narrative review, to see if the recommendations for Physical Education might be similar to those of Hygienist Physical Education (19th and 20th centuries). Throughout the study, we identified the teaching difficulties encountered and the implications of restrictive measures for school life. However, we found insufficient evidence to suggest a return to the moralizing ideals of Hygienism. Finally, we emphasize our understanding that the discipline can and should contribute to knowledge about health, physical activity, and quality of life, but must maintain constant caution and avoid disciplinary and imposing postures.

Keywords: School Physical Education; Hygiene; Covid-19 Pandemic;

¹ Licenciado em Educação Física pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). Professor de Educação Física da rede municipal de Londrina.

² Doutor em Educação pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Pós-doutor em Educação pela Unesp-Marília. Professor Associado da Universidade Estadual de Londrina (UEL).

Introdução

Em 31 de dezembro de 2019, surgiu na cidade de Wuhan, província de Hubei, República Popular da China, ocorrências de casos de pneumonia na cidade. Naquele momento, a Organização Mundial da Saúde foi notificada a fim de verificar as recorrências dos casos. Logo, foi identificado o agente transmissor, tratando-se de um novo coronavírus: SARS-CoV-2, que pode levar à síndrome respiratória aguda, hospitalização e morte (Barreto; Rocha, 2020)³.

A pandemia impactou a vida das crianças e adolescentes que tiveram sua formação educacional atingida pelas consequências da disseminação do vírus SARS-CoV-2, responsável pela COVID-19, seja por conta dos fechamentos, parciais ou integrais, das escolas, seja por conta das dificuldades dos professores para ministrarem suas aulas durante esse período, ou mesmo pela indisponibilidade de acesso a uma rede de internet capaz de suprir as necessidades do ensino remoto.

Essas dificuldades atingiram as aulas da Educação Física, de modo especial, por se tratar de uma disciplina que enfoca a cultura e as práticas corporais, se fundamenta na vivência e no movimento, promove e depende de uma significativa interação entre os estudantes e o professor. Exigiu-se, dessa maneira, uma remodelação abrupta na didática das aulas de Educação Física para atender as necessidades impostas pelo distanciamento social e a implantação do ensino remoto.

Ressaltamos que, de acordo com a Lei de Diretrizes e bases da Educação Nacional, Lei n. 9.394 de 1996, a Educação Física é um dos componentes educacionais obrigatórios para a Educação Básica. No entanto, é uma disciplina que têm sofrido com uma série de incompreensões sobre suas especificidades, desvalorização de sua atuação na escola, negações sobre sua contribuição para a formação dos sujeitos. Segundo Pinheiro e Miranda Júnior (2025, p. 39) cinco fatores se complementam para compor esse fenômeno,

³ No Brasil a covid-19 registrou 39,1 milhões de casos e 714.736 mortes (Pimentel, 2025).

A postura profissional de alguns professores da área, as decisões tomadas pelos gestores das escolas, as experiências negativas de alguns alunos nessa disciplina, a infraestrutura inadequada para trabalhar as práticas corporais e a pouca representação que a Educação Física tem nas avaliações externas e nas provas de vestibulares.

Entretanto, de acordo com Conceição (2017, p. 21),

A Educação Física deve ser conceituada como a área de conhecimento que vai tratar da cultura corporal com finalidade de formar cidadãos com autonomia e capacidade de produzir e reproduzir, na sociedade, conhecimentos socialmente construídos, tais como esporte, danças, lutas, ginásticas e todo tipo de práticas corporais, abordadas numa perspectiva crítico reflexiva, para o seu desenvolvimento em busca de bem-estar e crescimento saudável.

Entendemos, desse modo, que a Educação Física é importante para formação de crianças e jovens com idade escolar e deve ser levada a sério como as demais disciplinas ensinadas na escola.

Dito isto, sublinhamos que, várias modificações na Educação Física ocorreram ao longo de sua história como disciplina escolar, voltadas a sua adaptação conforme as demandas de cada momento histórico e as necessidades da sociedade em questão, desenvolvendo tendências militaristas, pedagogistas, higienistas, esportivistas e progressistas (Ferreira; Sampaio, 2014). No contexto pandêmico não foi diferente.

Rememoramos que a Educação Física Higienista, que ocorreu entre o final dos anos 1800 e início dos anos 1900, tinha como foco a propagação de hábitos saudáveis e higiênicos voltados ao combate a doenças, além da utilização da ginástica para formar jovens fortes e sadios. Como nos informa Soares (2004, p. 71):

A medicina, em sua vertente higienista, vai influenciar e condicionar de modo decisivo a Educação Física, a educação escolar em geral e toda a sociedade brasileira. [...] Consideraram a educação física um valioso componente curricular com acentuado caráter higiênico, eugênico e moral, caráter este desenvolvido segundo os pressupostos da moralidade sanitária, que se instaura no Brasil a partir da segunda metade do século XIX.

Nesse contexto, a medicina influenciou de forma significativa as aulas de Educação Física. As aulas foram modeladas muito mais sobre um aspecto médico e paciente que professor e aluno propriamente dito. A Educação Física Higienista foi vista como uma forma de impor hábitos higiênicos e saudáveis para a população em geral, tentando diminuir a grande quantidade de doenças que assolavam a sociedade à época. Aspectos que se assemelham as discussões realizadas durante o contexto pandêmico e suas repercussões.

A partir dessas informações em tela, nos propusemos a fazer um estudo mais aprofundado desta fases históricas pela qual a Educação Física escolar passou, que teve um forte acento sanitário e preocupações com a saúde, a fim de responder a seguinte situação problema: as práticas da Educação Física Higienista, ocorridas no final do século XIX e início do século XX no Brasil, retornaram ao campo educacional, impulsionadas pelo combate ao Covid-19?

Com o propósito de buscar respostas para essa indagação, elegemos como objetivo geral analisar, indagando a literatura especializada, se as prescrições do período da pandemia para a disciplina de Educação Física mantiveram similaridades com as imposições da Educação Física Higienista (Séc. XIX e XX) para os ajustes dos comportamentos e das condutas escolares.

Na construção do texto focamos as práticas que caracterizam a Educação Física como Higienista de modo a entender sua formatação, seus limites e possíveis contribuições educativas para o tempo presente. Após demonstrar a metodologia que adotamos, abordamos como assuntos tratados nos resultados e discussões os seguintes tópicos “A Pandemia do Covid-19, a escola e a Educação Física” e “Educação Física Higienista: prescrições sobre saúde e higiene”. Ao final apresentamos nossas considerações finais entrelaçando essas temáticas.

Metodologia

Um dos pontos de partida de qualquer trabalho de pesquisa, é a escolha da metodologia a ser aplicada. Elegemos os procedimentos da revisão narrativa e recorremos a pesquisa bibliográfica. Orientados pelo problema de pesquisa,

buscamos construir um referencial teórico a partir da coleta de dados em bases de dados acadêmicas (Lakatos e Marconi, 1992).

A revisão narrativa adotada permitiu uma análise ampla e flexível do tema, sem seguir protocolos rígidos de seleção, reunindo e discutindo contribuições teóricas relevantes de diferentes fontes. Escolhemos como acervos para a consulta as bases eletrônicas SciELO e Google Acadêmico.

Foram utilizadas como descritores para a investigação os termos, Educação Física, Educação Física Higienista, Educação e COVID-19. O intervalo de busca foi definido entre 2020 e 2025. A partir desta sondagem foram selecionados artigos, livros, teses e dissertações que, após lidas e sistematizadas, serviram de base para formar o constructo teórico que estruturou este texto. Foram aplicados como critérios para a seleção, a qualidade da obra, a pertinência em relação ao assunto abordado e a adequação com a proposta do trabalho.

Resultados e Discussões

A Pandemia do Covid-19, a escola e a Educação Física

O ano de 2019 ficou marcado por uma situação atípica que mudou a vida de todos, a pandemia do COVID-19, um vírus que surgiu na cidade de Wuhan, na China, e que rapidamente se espalhou pelo mundo. De acordo com Senhoras (2020, p. 4),

Na fase de surgimento da endemia, o novo coronavírus que surgiu com epicentro na cidade chinesa de Wuhan, muito rapidamente se difunde para outras localidades, o que exigiu da autoridade chinesa a adoção de medidas de isolamento social, inclusive com lockdown em determinadas cidades, o que repercutiu no fechamento das unidades educacionais em determinadas localidades do país e posteriormente em todo o país.

Por se tratar de um novo vírus, as reações ocorreram de maneira incerta, na tentativa de conter os avanços da pandemia, entretanto, aqueles países que demoraram para tomar alguma atitude em relação ao vírus, acabaram tendo um elevado número de infectados e de mortes causadas pela Covid-19. No decorrer

do tempo pandêmico, com o aumento do conhecimento sobre o vírus, medidas restritivas foram surgindo, como o isolamento social, o uso de máscaras, o uso de álcool em gel. Essas ações foram incorporadas no cotidiano das pessoas até a elaboração e aplicação das primeiras vacinas.

Os sintomas provocados pela infecção vão desde sintomas gripais leves a comprometimento pulmonar e sistêmico graves. Em geral, estes sintomas estão relacionados ao sistema cardiorrespiratório, podendo levar a quadros de insuficiência respiratória grave e em alguns casos, intubação e uso de respiração mecânica (Silva et al., 2021).

Outras consequências negativas, geradas pela necessidade de isolamento social, foi o aumento de rotinas sedentárias, adoção de hábitos não saudáveis relacionados a alimentação e problemas de saúde mental que prejudicaram a saúde da população em geral. Conforme Silva et. al. (2021),

Embora os meios de barreira para prevenção da disseminação e contaminação pelo Coronavírus sejam necessários, notou-se que o isolamento teve um impacto negativo na rotina saudável da população: um estudo demonstrou que o tempo sentado aumentou de 5 (cinco) para 8 (oito) horas e, participantes de uma pesquisa no Reino Unido, relataram mudanças negativas no comportamento alimentar (56% relataram lanches com maior frequência) e na prática de atividade física, de maneira que o IMC mais alto foi associado a níveis mais baixos de exercícios físicos e qualidade e frequência de dieta. Outrossim, a permanência prolongada em casa pode aumentar comportamentos sedentários, o que aumenta o risco e o potencial agravamento das condições crônicas de saúde – diabetes, hipertensão e doença cardíaca coronária.

É importante frisar, novamente que, o isolamento social foi uma medida fundamental para frear o avanço do corona vírus, porém é forçoso reconhecer que acarretou alguns malefícios relacionados a mudança abrupta no estilo de vida. Sabemos que, entre outros benefícios, a prática regular de exercícios físicos produz uma melhora na qualidade de vida, melhora o sistema imunológico e, consequentemente, diminui, inclusive, a predisposição às infecções, principalmente as respiratórias. Por exemplo, podemos citar estudos recentes que demonstraram que a inatividade física está intimamente ligada à deterioração da aptidão cardiorrespiratória e da capacidade muscular, explicada pela redução da função contrátil do músculo (Pedra; Pereira; Joviliano, 2023).

Lembramos que a Educação Física como disciplina escolar, pode ter um importante papel no enfrentamento desse problema. Ela pode atuar na formação e disseminação de informações corretas sobre a relação entre atividade física e saúde. Ademais, essa disciplina, historicamente, sempre teve associada a divulgação de cuidados e hábitos higiênicos.

Com relação a escolarização, a pandemia, no seu pico, impactou diretamente a vida de aproximadamente 1,3 bilhão de estudantes, 81,8% do total de estudantes matriculados em todo o mundo, estavam em escolas que se encontravam parcialmente ou integralmente fechadas (Unesco, 2020). Nesse cenário, algumas alternativas educacionais foram pensadas e colocadas em ação.

No Brasil, o ensino remoto foi adotado como uma alternativa. No entanto, pela urgência e celeridade que a pandemia impôs, não houve tempo para a realização de testes e adequações e nem preparo para implementação desta metodologia de ensino, sem falar da limitação de acesso às redes, além de outros fatores como depressão e ansiedade, que afloraram nos estudantes e professores, fazendo com que houvesse uma significativa perda de qualidade no ensino (Zucoloto, 2021). De acordo com Senhoras (2020, p. 5):

Em todas as fases do ciclo pandêmico, a pandemia afetou de modo distinto professores e estudantes de diferentes níveis e faixas etárias, e por conseguinte muitas das assimetrias educacionais pré-existentes tenderam a se acentuar conforme as especificidades em função, tanto, da falta de trilhas de aprendizagem alternativas à distância, quanto, das lacunas de acessibilidade de professores e alunos a Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) para promoção do Ensino a Distância (EAD).

Com o advento da pandemia, problemas existentes antes da Covid-19, se tornaram ainda maiores. A falta de recursos tecnológicos, o despreparo por parte de alguns professores, que não se adaptaram a esta nova realidade, ou mesmo não sabiam contar com estas novas ferramentas de ensino, aulas monótonas sem qualquer tipo de incentivo aos estudantes, e diversos outros fatores, fizeram com que houvesse um incremento no número de abandono e evasão escolar de

crianças e adolescentes, aumentando ainda mais os problemas da educação básica brasileira (Artes; Unbehaum, 2025)⁴.

Mais especificamente a disciplina de Educação Física, que é fundamentalmente composta por vivências e práticas corporais enfrentou muitas dificuldades para a disseminação de seus conteúdos. Estudos sobre a Educação Física no ensino remoto demonstraram a existência de problemas como “falta de capacitação profissional, dificuldades dos professores com o uso de ferramentas tecnológicas, sentimento de insegurança e ansiedade” (Godoi et. al., 2020, p. 7).

Infelizmente isso fez com que alguns professores dessa disciplina ofertassem aulas mais simples, pouco dinâmicas, com pouca interação entre professor e aluno, como por exemplo com a utilização de alguns materiais impressos e vídeos, fazendo com que alguns estudantes, apresentassem sinais de desanimo, tristeza, muito por conta da falta do ambiente escolar e também dos colegas de classe (Pedrosa; Dietz, 2020).

Vale lembrar que, por conta da pandemia e dos avanços tecnológicos, como celulares, vídeo games, entre outros, as crianças e adolescentes foram ficando cada vez mais sedentárias, sendo que a prática de alguma atividade física, muitas vezes, acabou sendo limitada apenas às aulas de Educação Física. Para Florêncio Júnior, Paiano e Costa (2020, p. 1),

Apesar de ser uma medida necessária, espera-se que isolamento social gere efeitos psicológicos negativos, podendo se estender para consequências físicas e mentais em diferentes faixas etárias e, em especial, nas crianças e adolescentes que deixam de frequentar a escola. De fato, é provável que jovens permaneçam mais tempo sentados em atividades sedentárias em jogos online, assistindo TV e até em aulas remotas, o que, consequentemente, acarretará uma redução dos níveis de atividade física.

Logo, por mais que o isolamento social e a adoção do ensino remoto tenham sido utilizados como alternativas de combate a propagação da Covid-19, também acabaram ampliando significativamente outros problemas que já existiam no

⁴ A Organização todos pela educação, por meio da PNAD (2021), destacou que no segundo trimestre de 2021, houve um aumento de 171,1% de evasão escolar entre crianças e jovens de 6 a 14 anos, se compararmos com o mesmo período de 2019. Isso significa que 244 mil crianças e jovens nessa faixa não estavam matriculadas. É 1% do total desta faixa etária, sendo a maior taxa observada nos últimos seis anos.

contexto da educação básica brasileira, como por exemplo o sedentarismo entre crianças e adolescentes e outros emergentes como a ansiedade e a depressão.

Educação Física Higienista: prescrições sobre saúde e higiene

Durante o século XIX, o Brasil passou por um crescimento desordenado dos centros urbanos impulsionados por demandas da industrialização. Correia, Ghoubar e Mautner (2006, p. 3) afirmam que “no século 19 muitas moradias para trabalhadores foram erguidas no Brasil, especialmente no estado de Minas Gerais, por forjas e fábricas de ferro.” Além disso, apontam que “entre meados do século 19 e 1880, diversas fábricas têxteis localizadas no campo devido, especialmente, à busca de proximidade com matas e cachoeiras, exploradas como fonte de energia criaram habitações para seus empregados”.

Estas vilas operárias surgiram então aos arredores das fábricas, sem qualquer tipo de preocupação com saneamento público, fazendo com que diversos surtos epidêmicos ocorressem, e tendo como principal objetivo ganhar tempo de deslocamento para os trabalhos nas fábricas, que contavam com jornadas de trabalho de 12 e até 16 horas diárias.

O Estado brasileiro, tendo em vista a crescente contaminação das pessoas com diversas doenças, buscou encontrar novas formas de combate a estes surtos epidêmicos ocorridos, sobretudo, por conta do crescimento desordenado das cidades. A Educação Física Higienista foi, então, convocada a servir como uma forma de conscientizar a população sobre a importância de manter hábitos higiênicos e morais.

A Educação Física Higienista compôs o movimento sanitarista e tinha como principal função difundir os ideais sobre saúde, higiene e moral por meio das aulas de Educação Física. Nas palavras de Góis Júnior e Lovisolo (2003, p. 1):

No fim do século XIX e início do século XX chegava ao Brasil, mediante repropriações e reinterpretações, um novo ideal cujo eixo era a preocupação com a saúde da população, coletiva e individual. Suas propostas residiam na defesa da saúde e educação pública e no ensino de novos hábitos higiênicos.

O movimento higienista surgiu nesse contexto nacional em que era bastante comum surtos epidêmicos por conta das condições precárias de vida existentes nos centros urbanos da época. A comunidade médica, preocupada com esta situação, pressionou o Estado para tomar alguma atitude, que passou então a utilizar a Educação Física Higienista como um instrumento para combater as doenças, por meio de hábitos higiênicos preconizados em suas aulas.

Os defensores do movimento higienista, em sua maioria médicos, passaram a ditar as regras daquilo que deveria ou não ser ensinado nas aulas de Educação Física. De acordo com Góis Júnior (2013, p. 3):

No Brasil oitocentista, os médicos a partir dos argumentos de defesa da ciência passam a determinar a melhor forma para cada um cuidar de seu corpo, em um projeto de mudanças de hábitos em relação a ele, o que passaria pela necessidade de construção de projetos nacionais nos campos da Saúde e Educação que foram idealizados no contexto do século XIX.

Neste momento histórico, a Educação Física foi controlada pelas classes médicas que determinou o que deveria ser ensinado, tanto em relação às práticas, que em geral eram ligadas à ginástica, com o intuito de formar um corpo forte e saudável, quanto em relação aos próprios hábitos higiênicos, que também deveriam ser abordados em suas aulas.

Porém, tanto a Educação Física, quanto a Ginástica não foram prestigiados pela sociedade da época. De acordo com Soares (2000) a Educação Física não era vista como uma disciplina, mas sim como um conjunto de cuidados ligados à higiene e à prática de atividades físicas. De modo complementar, Góis Junior (2013, p. 11) enfatiza que “a Ginástica foi adotada por algumas escolas, mas não como uma disciplina, e sim como uma atividade a ser oferecida aos alunos com objetivos de formação moral e física”.

Corroborando essa assertiva Góis Junior (2013, p. 11) nos lembra que

A inserção da Ginástica no contexto escolar teve uma relação muito próxima com os objetivos higienistas. De um lado os médicos viam na educação física dos jovens uma estratégia de disciplinarização e de inculcação de hábitos saudáveis. Do outro, os primeiros instrutores viam a medicina como referência científica necessária para legitimar suas práticas.

Notamos, que apesar dos esforços dos médicos, a presença da ginástica nas escolas brasileiras foi rejeitada pelas elites que não queriam que seus filhos realizassem atividades físicas, por considerarem uma atividade secundária, sem importância, análoga ao trabalho braçal que deveria ser feita pelas classes baixas da população. De forma complementar Soares (2004, p. 82) observa que,

A educação higiênica, pode desenvolver nas elites o gosto pelo trabalho físico, diferenciado de trabalho físico produtivo, acentuando a Educação Física (e com ela a "recreação formativa") como o descanso merecido, como o contraponto necessário ao "estafante trabalho intelectual", este sim considerado digno.

Por conta de toda essa dificuldade, a inserção da Ginástica nas escolas públicas brasileiras se deu de forma gradativa. No entanto, foi acelerada, posteriormente, pela grande difusão de doenças na população e a consequente pressão dos higienistas sobre o governo brasileiro. Nas palavras de Góis Junior (2013, p. 18):

Existiu a forte influência de concepções higienistas defendidas por médicos, e sustentadas pela ciência, como argumento de autoridade para uma reforma de hábitos corporais da população. O discurso médico pretendeu convencer os governos sobre a necessidade de intervenção no sentido de incentivar e democratizar hábitos saudáveis. Essa inculcação de práticas corporais passava pela reforma de hábitos defendidos pela higiene que incluíam a Ginástica.

Dessa forma, podemos dizer salientar que a Educação Física Higienista foi um dos meios encontrados pelo Estado para combater os grandes problemas sociais que assolaram o país entre o final de 1800 e o início de 1900. Foi um meio disciplinador da população, que deveria cumprir com as propostas higienistas elaboradas pela classe médica, tanto em relação as práticas, por meio da ginástica, quanto em relação aos hábitos saudáveis e higiênicos, que deveriam ser ensinados. Resultando em uma formação moral e física das crianças e jovens que frequentavam a escola e que a partir dessa formação, deveriam levar as ideias higienistas para o restante da população.

Essa disciplinarização excessiva, merece alguma ressalva, no entanto, é inegável que, em alguns pontos, mostrou ser eficiente, como por exemplo para

a redução da propagação das doenças durante o período citado (final séc. XIX e início do séc. XX).

Pensando sobre as urgências do tempo presente buscamos entender se esse momento pode provocar reflexões e reorientações de caminhos para a disciplina de Educação Física. No entanto, considerando que a história pode ser cíclica e que precisamos tomar certos cuidados para evitar anacronismos e interpretações tendenciosas do passado, nos atentamos aos apontamentos e a indagação de Soares (2004, p. 137):

A direção dada a Educação Física no período analisado não merece elogios, todavia precisa ser compreendida de modo mais abrangente para que não seja reproduzida nos dias de hoje valendo-se, apenas, de nova roupagem. E perguntamos se os apelos da mídia as fórmulas frenéticas de "cuidar do corpo", hoje, não seriam a nova roupagem de um higienismo e eugenismo pós-moderno?

Assumimos, dessa forma, essa mesma postura crítica feita da autora, ao tratar o higienismo, reconhecendo suas limitações e procurando entender sua aplicabilidade e sua contribuição ao difundir ideais relacionados a saúde e a higiene.

Sem dúvidas, reconhecemos que, no período de pandemia, a medicina, novamente, assumiu um papel fundamental para a contenção do vírus e o cuidado com os infectados, promovendo intervenções em diversas áreas, inclusive na educação, por exemplo, propondo novos hábitos higiênicos, aspecto que se assemelhou as proposições do higienismo. Contudo, ressaltamos que o contexto social e epidemiológico foi outro, além do sentido emergencial a própria comunicação da classe médica evoluiu, dificultando traças comparações com o higienismo, seu autoritarismo e imposições.

Ademais, frisamos que a Educação Física Higienista foi idealizada e controlada pela classe médica, sem espaço de diálogo e contestação. Diferentemente, dos tempos atuais, nos quais essa disciplina é idealizada a partir de uma formação sólida e sua contribuição pedagógica.

Evidentemente, que por conta da urgência do período pandêmico, a Educação Física, ao lado das outras disciplinas, incorporou alguns preceitos médicos/higiênicos com o propósito de contribuir com o combate ao avanço da

pandemia, ensinando os “novos” hábitos higiênicos necessários. Todavia, não podemos confundir essa ação com um apelo ao Higienismo, pois no campo da Educação Física escolar prevaleceu seu papel educativo com foco na formação cidadã. Conforme Silva et. Al. (2022, p. 6)

A Educação Física possui uma relação entre o conhecimento tratado nas aulas e a compreensão em múltiplas dimensões sociais. Entretanto para o pleno desenvolvimento do estudante o professor de educação física deve estar comprometido com o real papel do processo educativo no âmbito escolar. Deste modo todos os conteúdos (dos jogos ao esporte competitivo) são importantes na ampliação do senso crítico do aluno desde que trabalhados de forma contextualizada e problematizada com a realidade social de cada aluno.

Podemos observar, então, a importância pedagógica da Educação Física na formação dos estudantes. Claramente, a interferência de outras áreas, em especial a médica, poderia prejudicar esse intuito.

Considerações Finais

Após a realização da pesquisa, pudemos observar que o Brasil sofreu um grande impacto na educação básica durante o período da pandemia, não conseguiu, em muitos os casos, manter o nível de qualidade de ensino oferecido aos alunos, por conta das dificuldades de acesso às aulas, falta de preparo dos professores, falta de locais e materiais adequados para realização das aulas entre outros fatores.

No contexto da pós pandemia, coube ao professor, fazer um acolhimento dos estudantes no ambiente escolar e enfrentar essas defasagens educacionais. A escolarização foi organizada para amenizar o peso que a pandemia causou e gradativamente ir se adaptando para atender as novas necessidades dos estudantes que retornaram.

Do mesmo modo, a disciplina de Educação Física foi chamada para contribuir com esse processo. Como debatemos, anteriormente, a Educação Física se moldou com as questões sociais urgentes de cada momento histórico. Nesse contexto, seria interessante incorporar no arsenal de conteúdos da

disciplina aspectos relacionados à saúde, a melhoria da qualidade de vida e a prevenção de doenças, requisitados nesses tempos de pós-pandemia.

Apesar de reconhecermos como necessário manter, sempre, uma vigilância sobre excessos nas posturas disciplinadoras, não podemos afirmar que as semelhanças com algumas práticas da Educação Física Higienista, significaram a recuperação de seus ideais e suas tendências moralizadoras, padronizadoras e controladoras dos comportamentos dos estudantes.

A escola é um ambiente que pode e deve ser utilizado como propagação de hábitos saudáveis, mas não de uma forma impositiva, como aquela ocorrida durante a Educação Física Higienista, mas de uma forma pedagógica, mostrando aos estudantes a importância dos cuidados com a saúde, dos exercícios físicos, da aquisição de um estilo de vida ativo.

Ademais, o próprio professor de Educação Física, juntamente com a escola, pode desenvolver projetos sociais, divulgar práticas saudáveis e mostrar seus benefícios, a fim de alcançar não só os seus estudantes, mas toda a comunidade escolar.

Entendemos, portanto, que no período contemporâneo, a Educação Física possui autonomia e especificidades, que não foram invadidas pelos ditames da medicina para o espaço escolar. Defendemos, assim, que o amadurecimento pedagógico da disciplina possibilitou o enfrentamento dessa postura, supostamente, análoga a um “novo higienismo” e evitou que a Educação Física se tornasse, novamente, submissa à área médica.

Referências

ARTES, A.; UNBEHAUM, S. Percepção de professoras e professores do ensino fundamental sobre o abandono escolar no contexto da pandemia. **Educação e Pesquisa**, v. 51, p. e287173, 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1678-4634202551287173por>. Acesso em 10 agos. 2025.

BARRETO, A. C. F.; ROCHA, D. S. Covid 19 e educação: resistências, desafios e (im)possibilidades. **Revista Encantar**, v. 2, p. 01-11, 10 maio 2020.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: [s. n.], 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 13 maio 2022.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, 20 dez. 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 17 maio 2022.

CONCEIÇÃO, Nathália Marques da. **PIBID**: sua importância na formação acadêmica e nas aulas de educação física escolar. 2017. 43f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Educação Física) – Instituto de Educação Física, Universidade Federal Fluminense, 2017.

CORREIA, T. de B.; GHOURBAR, K.; MAUTNER, Y. Brasil, suas fábricas e vilas operárias. **PosFAUUSP**, [S. I.], n. 20, p. 10-32, 2006. DOI: 10.11606/issn.2317-2762.v0i20p10-32.

FERREIRA, Heraldo; SAMPAIO, José. Tendências e abordagens pedagógicas da Educação Física escolar e suas interfaces com a saúde. **EFDDeportes**, [S. I.], 12 set. 2014. Disponível em: <https://efdeportes.com/efd182/tendencias-pedagogicas-da-educacao-fisica-escolar.htm#:~:text=A%20Educa%C3%A7%C3%A3o%20F%C3%ADsica%20E,scolar%20segue,Educa%C3%A7%C3%A3o%20F%C3%ADsica%20enquanto%20disciplina%20escolar>. Acesso em: 3 mai. 2022.

FLORÊNCIO JÚNIOR, P. G.; PAIANO, R.; COSTA, A. S. Isolamento social: consequências físicas e mentais da inatividade física em crianças e adolescentes. **Revista Brasileira de Atividade Física & Saúde**, [S. I.], v. 25, p. 1–2, 2020. DOI: 10.12820/rbafs.25e0115.

GODOI, M.; KAWASHIMA, L. B.; GOMES, L. de A.; CANEVA, C. Remote teaching during the covid-19 pandemic: challenges, learning and expectation of university professors of Physical Education. **Research, Society and Development**, [S. I.], v. 9, n. 10, p. e4309108734, 2020. Disponível em: DOI: 10.33448/rsd-v9i10.8734. Acesso em: 9 jun. 2022.

GOIS JUNIOR, E. Ginástica, higiene e eugenio no projeto de nação brasileira: Rio de Janeiro, século XIX e início do século XX. **Movimento**, [S. I.], v. 19, n. 1, p. 139–159, 2012. Disponível em: DOI: 10.22456/1982-8918.33988. Acesso em: 20 jul. 2023.

GÓIS JUNIOR, EDIVALDO; LOVISOLLO, HUGO. Descontinuidades e continuidades do movimento higienista no Brasil do século XX. **Rev. Bras. Cienc. Esporte**, Campinas, v. 25, p. 41-54, setembro 2003. Disponível em: <http://revista.cbce.org.br/index.php/RBCE/article/view/172>. Acesso em: 29 maio 2022.

LAKATOS, Eva; MARCONI, Marina. **Metodologia do trabalho científico:** Procedimentos básicos; pesquisa bibliográfica, projeto e relatório; publicações e trabalhos científicos. 4. ed. São Paulo: Atlas, 1992. cap. 2, p. 43-78.

PEDRA, Yuri Felix; PEREIRA, Clayrton de Barros; DELLALIBERA-JOVILIANO, Renata. A influência da atividade física no sistema imunológico: revisão integrativa. **Revista Saúde, Corpo e Movimento**, [S. I.], v. 2, n. 2, p. 1–21, 2023. Disponível em: <https://revista.uemg.br/scm/article/view/7547>. Acesso em: 26 set. 2025.

PEDROSA, G. F. S.; DIETZ, K. G. A prática de ensino de arte e educação física no contexto da pandemia da COVID-19. **Boletim de Conjuntura** (BOCA), Boa Vista, v. 2, n. 6, p. 103–112, 2020. DOI: 10.5281/zenodo.3894895. Disponível em: <https://revista.ioles.com.br/boca/index.php/revista/article/view/115>. Acesso em: 11 jun. 2022.

PIMENTEL, Rilton. Hoje é dia relembra o início da pandemia de covid e o fim da ditadura. **Agência Brasil**, Brasília, 09/03 de 2025. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2025-02/hoje-e-dia-relembra-o-inicio-da-pandemia-de-covid-e-fim-da-ditadura>. Acesso em: 29 jun. 2025.

PINHEIRO, Rosilene Rodrigues; MIRANDA JÚNIOR, Márcio Vidigal. A desvalorização da Educação Física escolar e as dificuldades enfrentadas pelos professores. **RENEF**, [S. I.], v. 7, n. 10, p. 35–45, 2025. DOI: 10.46551/rn20251622500115. Disponível em: <https://www.periodicos.unimontes.br/index.php/renef/article/view/8822>. Acesso em: 26 jul. 2025.

SENHORAS, E. M. Coronavírus e educação: análise dos impactos assimétricos. **Boletim de Conjuntura** (BOCA), Boa Vista, v. 2, n. 5, p. 128–136, 2020. Disponível em: DOI: 10.5281/zenodo.3828085. Acesso em: 11 jun. 2022.

SILVA, L. T et. Al. Relation between physical activity, COVID-19 and immunity: A literature review. **Research, Society and Development**, [S. I.], v. 10, n. 6, p. e11010615605, 2021. Disponível em DOI: 10.33448/rsd-v10i6.15605. Acesso em: 10 jan. 2024.

SILVA, A. R. da.; ALMEIDA, A. T. de S.; GOIS, O. P. de.; NASCIMENTO, M. A. M. do.; SOUTO FILHO, J. M. The contribution of school physical education in the individual's social education. **Research, Society and Development**, [S. I.], v. 11, n. 3, p. e24811326551, 2022. DOI: 10.33448/rsd-v11i3.26551. Disponível em: <https://rsdjurnal.org/index.php/rsd/article/view/26551>. Acesso em: 7 mar. 2023.

SOARES, Carmen. **Educação Física:** raízes europeias e Brasil. 3. ed. Campinas: Autores Associados, 2004.

TODOS PELA EDUCAÇÃO. PNAD: Levantamento do Todos mostra primeiros impactos da pandemia nas taxas de atendimento escolar. **Todos pela**

Educação, 2 dez. 2021. Disponível em:
<https://todospelaeducacao.org.br/noticias/pnad-levantamento-do-todos-mostra-primeiros-impactos-da-pandemia-nas-taxas-de-atendimento-escolar/>. Acesso em: 11 jun. 2022.

UNESCO. United Nations Educational, scientific, and cultural organization. COVID-19 educational disruption and response. **UNESCO**. Disponível em: <https://en.unesco.org/covid19/educationresponse>. Acesso em 13 mai. 2022.

ZUCOLOTO, Karla. Ensino remoto durante a pandemia da covid-19: o vírus como pedagogo. **Brazilian Journal of Development**, Curitiba, v. 7, n. 5, p. 52048-52059, maio 2021. Disponível em: DOI:10.34117/bjdv7n5-549. Acesso em 14 out. 2023.